

## **Escambo e tabaco; o comércio dos holandeses com índios no delta do rio Amazonas 1600-1630**

Lodewijk Hulsman<sup>1</sup>

### **Resumo**

As relações de holandeses com índios no delta do rio Amazonas figuram muitas vezes na história do Brasil como uma ação invasora que violentou a integridade do território nacional. Esta contribuição aborda as tentativas holandesas de uma perspectiva econômica. Mercadores holandeses tentaram entrar numa economia emergente em uma área onde a população indígena já produzia tradicionalmente um *surplus* econômico. Fontes holandesas documentam como empreiteiros particulares desenvolviam iniciativas para estabelecer relações comerciais com a população indígena em particular na banda ocidental do delta amazônico. Os holandeses seguiram ingleses e irlandeses que desde o início do século XVII tinham estabelecido feitorias na área. Os produtos exportados não se limitavam a materiais obtidos em forma extrativista, mas desde a primeira década do século XVII, incluíam produtos que eram cultivados em plantações, especialmente, o tabaco que era visado por ter uma demanda alta na Inglaterra e Holanda. Era uma planta que crescia rápido e dava um retorno imediato. Esta contribuição contempla as estruturas das plantações e a produção de tabaco. Um aspecto particular da documentação holandesa é a presença de dados que registram o fluxo material de objetos no comércio entre holandeses e índios. A complexa rede de trocas que se desenvolveu no delta do rio Amazonas merece mais estudos ao lado das informações sobre o fluxo material de objetos que poderão contribuir para pesquisas futuras.

Palavras chave: História econômica do Brasil século XVII, história indígena, história regional do delta Amazônico, tabaco.

Key words: Economic History of Brazil 17<sup>th</sup> century, indigenous history, regional history of the Amazon delta, tobacco

---

<sup>1</sup> Dr. Lodewijk A.H.C. Hulsman está vinculado à Universiteit van Amsterdam (UVA) e tem publicado vários estudos históricos sobre as relações dos índios e holandeses no Brasil. Agradeço dr. M.O.S. Cruz pela revisão do texto.

## Introdução

Este artigo tenta mostrar as iniciativas holandesas para estabelecer relações comerciais com os índios no delta do rio Amazonas no período de 1600-1630. Esse contexto se configurou como tentativas de entrar em uma economia emergente numa área onde a população indígena no momento do contato já produzia tradicionalmente um *surplus* econômico, como foi constatado pelas pesquisas arqueológicas de Meggers (1957), Roosevelt (1991), Schaan (1996) e Neves (2008).<sup>2</sup> O papel da agricultura indígena na economia criada pela oferta de manufaturados europeus no período de 1600-1630 será o foco desta contribuição.

Neste sentido, apresenta-se primeiro fontes históricas que documentam a fundação de feitorias por ingleses, irlandeses e holandeses na área do delta no período 1600-1630. Em segundo, o foco recai sobre os fluxos comerciais com o intuito de entender melhor as relações comerciais, tendo o tabaco como um exemplo das exportações de produtos cultivados em plantações onde europeus e índios cooperavam. E em terceiro, mostra-se brevemente o fluxo de manufaturados europeus que foram utilizados como pagamento para serviços e materiais. Em quarto, comparam-se os dados sobre a produção de tabaco no Estado de Maranhão na segunda metade do século XVII com os dados da produção anterior no período 1600-1630, antes de concluir com uma reflexão sobre o conceito de uma economia emergente.

### 1. Ingleses, irlandeses e holandeses 1600-1630

O delta do rio Amazonas, apesar de ser conhecido pelos geógrafos europeus desde a viagem de Orellana em 1541, ficou à parte da expansão espanhola e portuguesa até o final do século XVI. Os franceses começaram a se interessar depois de serem expulsos da costa leste do Brasil no final do século XVI. O resultado foi a fundação da colônia de São Luiz no Maranhão. Feitores franceses atuaram na banda oriental do delta desde o início do século XVII até a conquista do Maranhão pelos portugueses e à subsequente fundação do Belém em 1616.

---

<sup>2</sup> MEGGERS, Betty J. and Clifford Evans. **Archeological investigations at the mouth of the Amazon**, Washington, 1957; ROOSEVELT, Anna C. **Moundbuilders of the Amazon, Geophysical Archeology on Marajo Island**, Brazil, New York, 1991; SCHAAN, Denise. **‘The Camutins Chiefdom: rise and development of social complexity on marajó island, brazilian amazon’**, PhD PUC Rio Grande do Sul, 1996; NEVES, Eduardo Goés. ‘Ecology, Ceramic Chronology and Distribution, Long-term History and Political Change in the Amazonian Floodplain’, in SILVERMAN, Helaine and William H. Isbell. **Handbook of South American archaeology**, New York, 2008: 359-380.

Os ingleses se interessavam mais pela banda ocidental e depois das primeiras explorações de John Ley, na última década do século XVI, gradualmente progrediram subindo o canal do Norte até chegar aos rios Xingu e Paru, ainda na primeira década do século XVII.<sup>3</sup> Matthew Morton possivelmente saiu para o rio Amazonas com Sir Thomas Roe, ambos ingleses, em 1610 e voltou de novo em 1614 para fundar feitorias. Uma destas feitorias ficou conhecida como Tauregue ou Torego, o lugar onde os irlandeses que eram trazidos por ingleses ficavam.<sup>4</sup>

Os holandeses, por sua vez, estavam intimamente ligados com as explorações inglesas supracitadas. Assim marinheiros holandeses começaram a visitar o delta do rio Amazonas no final do século XVI, seguindo os franceses e ingleses com quem eles mantiveram relações amistosas. Os navios holandeses abasteceram as feitorias dos ingleses e irlandeses na banda ocidental e transportavam os produtos para Europa.<sup>5</sup> Ao lado disso, os holandeses também fundaram feitorias que foram desenvolvidas, na segunda década do século XVII, para plantações. Os principais produtos foram urucu, algodão e tabaco.<sup>6</sup>

As empresas dos holandeses eram marcadas por iniciativas de mercadores privados que não estavam sancionadas pelo estado, no entanto, tinham objetivos comerciais. As companhias destes mercadores investiam dinheiro na armação de navios e queriam um lucro rápido em forma de um carregamento de retorno que podia ser vendido com proveito maximizado.

Esta situação se modificou em 1621 quando a Espanha e a República entraram de novo em estado de guerra.<sup>7</sup> A Companhia das Índias Ocidentais (WIC) foi criada em 1621 e operava como uma federação de cinco câmaras das quais as de Amsterdã e Zelândia foram as mais importantes; a última tendo ficado com a gerencia das feitorias as quais foram criadas por suas companhias predecessores no delta amazônico.

A expansão das feitorias na banda ocidental do delta amazônico tinha chegado ao seu ponto máximo entre 1620 e 1623. Observadores portugueses estimaram que entre 250 e 400

---

<sup>3</sup> LORIMER, Joyce. The reluctant Go-between: John Ley's Survey of Aboriginal Settlement on the Guyana Coastline, in CLOUGH, C.C.H. and P.E.H. Hair eds. **The European Outthrust and Encounter**, Liverpool, 1994: 193-210.

<sup>4</sup> LORIMER, Joyce. **English and Irish settlement on the river Amazon, 1550-1646**, The Hakluyt Society, London, 1989: 41-42.

<sup>5</sup> Ibidem: 51.

<sup>6</sup> Ibidem: 40.

<sup>7</sup> Uma das condições da trégua da Espanha com a República (1609-1621) foi que a República deixou de fundar uma Companhia das Índias Ocidentais (WIC), no modelo da Companhia das Índia Orientais (VOC), que desde sua criação em 1602 foi o grande motor da expansão neerlandesa na Ásia.

ingleses, holandeses e irlandeses ficaram nas feitorias e plantações, especialmente na Serra dos Tocujus entre os rios Anuerapucu e Paru.<sup>8</sup>

Um relato de viagem de um grupo de Valões, que viajou em 1623 para o rio Amazonas numa embarcação contratada pela câmara de Amsterdã para explorar as possibilidades de fundar uma colônia, conservou-se e providenciou informações detalhadas sobre esses assentamentos. *“1 do novembro chegamos ao bordo do Pieter Janssz ancorado no rio Tauregue onde vivem os Irlandeses . Na quinta feira ancoramos em frente do rio Okiari 40 minuto ao Sul do Equador, entre o rio e uma ilha do outro lado. O mesmo dia fomos levados para ver Tilletille, um assentamento inglês 6 léguas dentro o mesmo rio e uma légua dentro da terra. Achamos o lugar agradável, um campo aberto com pequenas bosques e algumas lagos pequenos, mas o lugar sendo por as mais partes árido. No domingo, dia 5 fomos a Ouarmeonaka entre as colônias inglesas, cinco léguas mais acima da outra e no mesmo rio, esse também era um terreno agradável. Em ambos os lugares os ingleses tinham muitos campos para a plantação de tabaco.”*<sup>9</sup>

Os Valões preferiam ficar em outro lugar porque os portugueses de Belém tinham destruído dois fortes holandeses no rio Xingu e acabaram de atacar os assentamentos na banda ocidental, mas foram expulsos. O delta do rio Amazonas tinha tornado-se cada vez mais um campo de batalha onde forças portuguesas tentaram cortar os contatos comerciais com a população indígena desde a fundação do forte do presépio de Belém em 1616.

A câmara da Zelândia mandou em 1625 uma nova expedição incluindo soldados. Este grupo chefiado por Nicolaes Oudaen tentou assentar-se perto dos ingleses e irlandeses na região ao sul do rio Anuerapucu, contudo, foi forçado de continuar para o rio Maxipana onde construiu o forte Mandiatuba. O forte foi logo atacado por Pedro Texeira que perseguindo os sobreviventes depois da destruição desse, continuou atacando os ingleses e irlandeses na região do Tauregue tendo destruído as feitorias e plantações que foram poupadas no ataque em 1623. A posição dos feitores e plantadores na banda ocidental do rio Amazonas tornou-se muito difícil.

A câmara da Zelândia não se mostrava disposta para desistir dos seus empreendimentos na Amazônia. As nótulas da Câmara da Zelândia registraram que duas expedições saíram em

---

<sup>8</sup> LORIMER 1989: 69.

<sup>9</sup> FOREST, R.W. **De A Walloon family in America; Lockwood de Forest and his forbears, 1500-1848: together with A voyage to Guiana; being the Journal of Jesse de Forest and his colonists 1623-1625**, Boston, 1914. A citação foi publicada por Lorimer e traduzida por Lima (LIMA, André da Silva. “A Guerra pelas Almas: Alianças, Recrutamentos e Escravidão indígena, (do Maranhão ao Cabo do Norte, 1615-1647)”, CFCH-UFPA, Belém-PA-Brasil Belém, 2006: 199 e anexo.

1626 e 1627 para abastecer as feitorias no rio Amazonas, devendo o mesmo voltar com carregamento. Em janeiro de 1629 saiu do porto de Vlissingen uma expedição de irlandeses e holandeses para o Rio Amazonas. Chefiada por James Purcell à expedição integrou o irlandês Bernardo O'Brien que deixou um relato. Um outro relato que descreve esta viagem foi descoberto por Martin Wallenburg no arquivo da Zelândia. O capitão Gelein van Stapels era comandante dos navios que trouxeram os colonos e seu diário demonstrou que a banda ocidental do baixo rio Amazonas gradualmente estava sendo depopulada pelas lutas contínuas. A expedição do Stapels encontrou o rio Tauregue sem habitantes, relatando que havia uma aldeia grande abandonada.<sup>10</sup>

Em pouco tempo construiu-se uma forte com tábuas trazidas da Holanda. O padre Figueira escreveu que os colonos dominaram a língua dos índios que cultivaram tabaco para eles.<sup>11</sup> Este forte foi atacado em maio de 1629 por uma força portuguesa comandada por Pedro da Costa. O assalto foi abortado quando uma grande batalha desenvolveu-se entre colonos e índios nas plantações perto do forte que preveniu um assalto surpresa.<sup>12</sup> Dos relatos pode-se notar que os habitantes do forte aparentemente tinham conseguido se aliar de novo com índios. O irlandês O'Brien escreveu que chegou ao socorro do forte com muitos índios aliados.<sup>13</sup>

Gedion Morris, que era um dos holandeses participando na expedição, escreveu que entre os aliados principais estavam os Arrouens, os Wackeans e os Tockeans, os primeiros podem ser identificados como os Aruã, os últimos como os Tucuju ou Toucoyennes, que foram integrados na nação dos Palikur.<sup>14</sup>

O forte rendeu-se em setembro de 1629 para Pedro Texeira. Ingleses ainda tentaram duas vezes construir fortalezas na região em 1629 e 1631, mas não conseguiram resistir aos portugueses principalmente porque não recebiam ajuda dos índios. O objetivo da estratégia portuguesa realizou-se e as sociedades indígenas no delta do rio Amazonas gradualmente

<sup>10</sup> WALLENBURG, Martin. Het reisverhaal van Gelein van Stapels, **Zeeuws Tijdschrift** 1995/1, Middelburg, 1995.

<sup>11</sup> LIMA 2006: 219.

<sup>12</sup> LORIMER 1989: 307-308.

<sup>13</sup> Ibidem: 301-302.

<sup>14</sup> Gedion escreveu que muitos destes índios estavam escravizados pelos portugueses por causa da ajuda que tinham prestado aos colonos holandeses, ingleses e irlandeses (NL-HaNA\_1.05.01.01\_57 154). Ver também HYGINO, J. Duarte Pereira. Relatorios e cartas de Gedeon Morris de Jonge no tempo do domínio Holandez no Brazil, **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Tomo LVIII, Rio de Janeiro, 1895. Sobre os Toucoyennes ver GRENAND, F. e Grenand P. La côte d'Amapá, de la bouche de l'Amazone a la baie d'Oiapock, a travers la tradition orale Palikur, **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi Emilio série Antropol.** 3 (1), Belém, 1987. Ver também LIMA 2006 sobre os povos indígenas que se aliavam com os europeus do norte.

perderam os contatos com europeus que os providenciavam com manufaturados, por exemplo, ferramentas e armas.<sup>15</sup>

Os prisioneiros ingleses e holandeses em 1623 informavam aos portugueses que a exportação de urucu, algodão e tabaco das feitorias e plantações carregava 12-14 navios cada ano; a quantia do tabaco estimava-se em 800.000 libras por ano o que parece uma estimativa muito elevada em comparação com outros dados (ver também parágrafo 4 em baixo).<sup>16</sup>

## 2. As plantações, o caso do tabaco

As exportações das feitorias dos ingleses, irlandeses e holandeses na banda ocidental do delta amazônico incluíam, desde a primeira década do século XVII, também produtos cultivados em plantações. O tabaco era especialmente visado por ter uma demanda alta na Inglaterra e na Holanda, e por ser uma planta que crescia rápido e dava um retorno imediato. No resumo acima encontram-se várias referências sobre o plantio de tabaco, já na seção a seguir o foco recai sobre o plantio e comércio deste produto.

### *Historia do tabaco*

O tabaco era desconhecido na Europa antes a descoberta da América onde o uso como medicina e halucinógeno fazia parte de muitas culturas indígenas desde a Terra Del Fuego até o Norte do Canadá. A planta que dá o tabaco é da família Nicotiana que incluiu 60 espécies. As variedades mais usadas são *N. tabacum* L e *N. rustica* L, ambas oriundas da América do Sul. A difusão destas plantas é atribuída aos povos indígenas que espalharam o cultivo desta planta do seu berço para toda a América pré-colombiana. Os europeus encontraram o cultivo do *N. Rustica* no México e Norte América e o de *N. Tabacum* na América do Sul e no Caribe. Colombo (1492 Caribe), Cortés (1519 México), Cartier (1535 Canadá), Manuel de Nóbrega (1550 Bahia), Staden (+/- 1550 Brasil), De Léry (1555 Rio de Janeiro), relatando todos que os índios que eles encontraram usavam tabaco.<sup>17</sup>

O uso do tabaco por europeus nas Américas começou provavelmente na primeira metade do século XVI e expandiu-se rápido. O cultivo de tabaco por europeus no Brasil começou em 1534 em São Vicente por volta de 1550 já tinha 16 centros produtores que exportaram tabaco do Brasil para Lisboa. O hábito de fumar tabaco foi introduzido em 1570 por marinheiros na

<sup>15</sup> **Anais Biblioteca Nacional Rio de Janeiro** XXVI, 1904: 435-441.

<sup>16</sup> LORIMER 1989: 253.

<sup>17</sup> ROESSINGH, H.K. **Inlandse tabak: Expansie en contractie van een handelsgewas in de 17e en 18e eeuw in Nederland**, Zutphen, 1976: 32-40.

Europa; os portugueses trouxeram o hábito em 1570 para África e Ásia onde o uso já era estabelecido no final do século XVI, por exemplo nas ilhas Molucas.<sup>18</sup>

O cultivo comercial nas colônias espanholas começou por volta de 1530 na Hispaniola e expandiu-se para Cuba e Venezuela onde o tabaco de Caracas e Varinas, que era cultivado por índios em pequenos plantações na costa, era considerado o melhor tabaco. O contrabando do tabaco devia-se, em parte, a causa da intensificação do tráfego para o mar Caribe de navios franceses, ingleses e holandeses na final do século XVI. Pois, o hábito de fumar tabaco criou uma demanda alta em Inglaterra e na Holanda.

O Governo Espanhol tentou erradicar o contrabando no Caribe. Esta política coincidia com uma crescente demanda no mercado. A ilha de Trinidad virou o centro do contrabando do fumo na primeira década do século e os navios que passavam pelo rio Amazonas e a costa da Guiana aportavam no Port of Spain para carregar tabaco.<sup>19</sup> O estaque progressivo fechou Trinidad para o contrabando de tabaco em 1612. Isso tudo estimulava o desenvolvimento de plantações de tabaco na costa de Guiana e no delta amazônico onde as sociedades indígenas já tinham amplo conhecimento do cultivo.

Um exemplo é uma casa forte dos holandeses perto do rio Corantijn que foi destruída por uma expedição espanhola em 1613. O capitão Melchor Cortes depositou um relato em 16 de fevereiro 1614 junto a um tabelião em San José na ilha de Trinidad. Cortes declarou que uma índia, que tinha fugido depois de servir aos holandeses, ajudou a expedição em localizar a casa forte dos holandeses onde tinham uma grande quantidade de mercadorias como ferramentas com que controlavam os Caribes cujas filhas eles casavam. Dois feitores foram capturados nos campos de plantação onde tinham plantado uma grande quantia de tabaco.<sup>20</sup>

Assim os holandeses, ingleses e irlandeses, como Philip Purcell que plantava na área de Tauregue no delta amazônico em 1612-1613, ensinaram aos índios como preparar o tabaco na forma que estava demandando o mercado como os rolos de tabaco fermentado, ciência que tinham adquirido através dos espanhóis em Trinidad e no Orinoco.<sup>21</sup>

### ***Organização das plantações***

As estruturas das plantações no período 1610-1630 estão pouco documentadas. Os relatos do início do século indicam que as casas foram construídas por índios: no centro estava a casa

<sup>18</sup> ROESSINGH 1976: 44.

<sup>19</sup> LORIMER, J. The English contraband tobacco trade from Trinidad, in Andrews, K.R. ed. **The Westward Enterprise**, Liverpool, 1978. Às vezes tinha 15 navios ingleses e holandeses no porto.

<sup>20</sup> BLUE BOOK VENEZUELA No 1, 2 **Documents and correspondence relating to the question of boundary between British Guiana and Venezuela**, London, 1896: no 18.

<sup>21</sup> LORIMER 1989: 45; 57- 58 nota 4.

forte ou fortaleza, inicialmente feita de madeira; ali guardavam-se as mercadorias que serviam como moeda e as exportações esperando carregamento.

Com a militarização apareciam estruturas mais sofisticadas como o forte da Tauregue que tinha 400 pés de circunferência com bastiões nas pontas e uma fossa em volta. Este forte foi construído pelos colonos e marinheiros, mas contava também com trabalho indígena. Os tetos das casas dentro desta fortaleza foram construídos por índios porque as fontes relataram que os tetos eram de folhas e foram atacados por flecheiros com fogo.<sup>22</sup>

O diário de Gelein van Stapels está gravemente danificado, mas dá para entender que tinha um lugar onde as canoas aportavam. O mapa de um assentamento holandês no rio Oiapoque construído em 1672 mostrava também um lugar para as canoas aportar.<sup>23</sup>

As plantações foram feitas em roças com as técnicas agricultoras que os europeus tinham aprendido através dos índios. Um panfleto publicado em 1676 na Holanda dá uma descrição detalhada do cultivo do tabaco.<sup>24</sup>

### ***Cultivo do tabaco***

O escritor aponta terras altas com muitas árvores como o melhor terreno para o plantio, e aconselha de evitar terras baixas. Para preparar a terra precisa-se primeiro cortar as árvores menores e arbustos; deixar os galhos secar por uns meses e depois meter fogo neles e assim o vento vai espalhar o fogo que queima tudo, até as raízes um e meio pé dentro da terra, matando todo capim ruim e fertilizando a terra.

O escritor continua dizendo que o plantio do tabaco deve ser feito pouco antes do tempo da chuva começar; a semente boa deve estar pronta; o agricultor deve preparar canteiros protegidos contra as formigas e providos de esteiras de palha para proteger as mudas contra o calor do sol; a sementeação deve ser feita com as primeiras chuvas e quando as mudas começarem brotar deve-se ter cuidado de tirá-las fora da terra dos canteiros depois que choveu.

O panfleto continua descrevendo como as planta deviam ser podadas durante seu crescimento para as folhas ficarem mais grossas, e ao final quando as folhas comesçassem a ficar azuladas

---

<sup>22</sup> LORIMER 1989: 309.

<sup>23</sup> MYST, Gerardus. **de Verloren Arbeyt ofte Klaar en kortbondigh vertoogh van de Colonie in de Lantstreke Guiana, aan de vaste kust van America Op de Revier Wiapoca**, UBL: Thysiana 10329, Pieter Timmers, Amsterdam, 1678.

<sup>24</sup> ANÔNIMO. **Pertinente beschrijvinge van Guiana. Gelegen aen de vaste kust van America: Waer in kortelijck verhaelt wordt [...] de limiten, het klimaet en de stoffen der landen [...] nevens der selver inwoonderen aldaer**. Jan Claesz. ten Hoorn, Amsterdam, 1676. O panfleto é anônimo, mas foi provavelmente escrito por Apricius, ou Price, um inglês que tinha servido como predicante calvinista para os índios Brasileiros a serviço da WIC durante a ocupação do Nordeste.

devia-se cortar a planta e deixar ela secar um dia no sol, virando-as regularmente; à tarde leve-se as plantas para uma casa alta fechada e seca onde as plantas são penduradas para secar até as folhas ficam amareladas. As folhas então podem ser colhidas e embaladas ou preparadas em rolos para a venda. Os troncos das plantas na terra davam uma segunda safra de qualidade razoável, já a terceira safra era de qualidade inferior.

Uma pessoa pode limpar entre dez e doze semanas um *morgen* (0.85 Ha) para o plantio de 6.350-9.000 plantas. Se uma pessoa consegue limpar dois *morgen* ele pode colher 3.000 libras de tabaco por ano. Esta estimativa parece bastante otimista; a estimativa do escritor francês Du Tertre parece mais realista, sendo a produção de 1.000 libras<sup>25</sup> estimada por pessoa ao ano.

Estas plantações podiam ser feitas em pouco tempo como testemunhou David de Vries que descreveu uma plantação que ele fez na ilha de Caiena em 1634. Ele deixou 30 feitores e em 4 semanas começou o plantio de 80.000 pés de urucu, 100.000 pés de algodão e 100.000 pés de tabaco, o que sugere que ele empregou trabalho indígena.<sup>26</sup>

Uma pergunta que surge é como os europeus conseguiram o material para o plantio em forma de sementes e mudas. O cultivo comercial do tabaco tinha recém começado na Europa e não se tem referência sobre carregamento de plantas com os navios saindo para América. Tem-se que assumir que as sementes e mudas foram providenciadas pelos índios, apesar da pouca informação sobre esse assunto nas fontes.

Uma informação trata-se da fundação da colônia inglesa na ilha de Barbados em 1627. O capitão Henry Powell deixou os colonos na ilha e procedeu para o rio Essequibo para comprar mudas e sementes para plantar na ilha; os índios com quem ele negociava a compra perceberam que ele ia fundar uma novo colônia e ofereceram a prestação de serviços na ilha por um pagamento. Eles foram com ele levando mandioca, milho, batatas, tabaco, abacaxi e cana de açúcar para plantar.<sup>27</sup>

Uma outra referência encontra-se num dos relatos sobre a colônia holandesa no Oiapoque em 1676: “Os índios trouxeram mandioca, inhame, batatas, bananas, bananas da terra e cana de

---

<sup>25</sup> ROESSINGH 1976: 44.

<sup>26</sup> COLENBRANDER, H.T. *Korte historiael ende journaels aenteyckeninge van verscheyden voyagiens in de vier deelen des wereldts-ronde, als Europa, Africa, Asia ende Amerika gedaen /door David Pietersz. de Vries*, Nijhoff, 's-Gravenhage, 1911: 202.

<sup>27</sup> Estes índios acabaram de ser escravizados e Powell só conseguiu liberar os sobreviventes depois de 28 anos. HANDLER, Jerome S. Aspects of Amerindian Ethnography in 17th century in Barbados, *Caribbean Studies* Vol. 9/4, Puerto Rico, 1970: 40- 47; 53-54.

açúcar para plantar e milho para semear, isso deu novas plantas e o que eles não trouxeram fomos buscar com eles em pequenas embarcações”.<sup>28</sup>

### **Trabalho**

As feitorias eram sempre estabelecidas perto de moradias indígenas. O trabalho de construir as casas e limpar as roças era geralmente contratado com as sociedades indígenas vizinhas às feitorias. Gedion Morris escreveu que os índios trabalhavam um ano para um machado e um facão.<sup>29</sup> A criação rápida de plantações era facilitada pela agricultura rotativa praticada tradicionalmente pelas sociedades indígenas.

Os contratos eram negociados em forma de uma quantia de mercadorias para uma tarefa, a despeito de dados históricos serem esparsos. Contratos incidentais se desenvolveram no período de 1600-1630 num sistema de trocas permanentes em forma de uma aliança. Uma companhia de mercadores de Amsterdã escreveu em 1612 que ela pagava empregados indígenas nas suas feitorias no Suriname.<sup>30</sup> As feitorias holandesas no Suriname terminaram em violência, mas a convivência das feitorias na banda ocidental do rio Amazonas parece ter ocorrido sem conflitos.

Parte do trabalho indígena provavelmente veio em forma de escravos que foram comprados dos povos vizinhos. Gedion Morris escreveu que teve mais do que trinta nações indígenas diferentes que guerreavam constantemente e os prisioneiros que não foram vendidos como escravos acabavam de ser comidos pelos seus vencedores.<sup>31</sup>

Apesar das notícias de emprego dos africanos da Angola trabalhando como escravos para os holandeses como se encontra no relato do Cochado sobre os fortes holandeses no Xingu em 1623, está estabelecido que o grosso da força braçal era provido pelas sociedades indígenas que viviam na área.<sup>32</sup>

### **3. Pagamento de serviços e compras**

O comércio dos europeus com índios geralmente está descrito como escambo, porque se tratava de uma troca de produtos sem valores em dinheiro. A economia dos mercadores holandeses no delta amazônico estava com certeza baseada na troca de objetos. Os

---

<sup>28</sup> MYST 1678: 45-46.

<sup>29</sup> HYGINO 1895: 246-247.

<sup>30</sup> HULSMAN, L.A. H. C. *Nederlands Amazonia; handel met indianen 1580-1680*. PhD dissertation UVA, Amsterdam, 2009: 95.

<sup>31</sup> HYGINO 1895 : 292. Um escravo índio custava 3 facões, 3 machados, 1 faca, 1 camisa e calça de linho em 1642 no Pará (HULSMAN 2009: 139).

<sup>32</sup> HYGINO 1895: 293.

mercadores holandeses formavam companhias para equipar um navio com um carregamento (*cargasoen*) e esperavam para um carregamento de volta (*retour*) que pagava o investimento com lucro. As fontes holandeses documentam as mercadorias para o comércio com os índios, que era chamada de *Indiaans cargasoen*.

| <b>inventário do carregamento do navio <i>Fortuijn</i>, 1615</b>             |                   |
|------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| <i>produto</i>                                                               | <i>quantidade</i> |
| <b>machados grandes, unidade</b>                                             | <b>250</b>        |
| <b>(Duas caixas com 200) machados, unidade</b>                               | <b>400</b>        |
| <b>machados e facões, quilos</b>                                             | <b>900</b>        |
| <b>pequenos enxós, unidade</b>                                               | <b>200</b>        |
| <b>ferros de plainar, unidade</b>                                            | <b>200</b>        |
| <b>ferros de cassava (<i>cassavisteeckes</i>), unidade</b>                   | <b>220</b>        |
| <b>um barril carregado com facas, espelhos, tesouras e berimbaus de boca</b> |                   |
| <b>uma caixa com um sortimento de contas de vidro</b>                        |                   |
| <b>Duas caixas carregadas com tonwasge e cakoenen</b>                        |                   |
| <b>Dois barris com mercadorias que voltaram da primeira viagem</b>           |                   |

No inventário do carregamento do navio *Fortuijn*, que foi queimado por Pedro Texeira em 1616 perto de Sapno, havia uma lista de mercadorias que foi avaliada em 2.974 f, conforme a tabela acima.<sup>33</sup>

| <b>Inventário da expedição van der Queere, 1638</b>          |                   |
|--------------------------------------------------------------|-------------------|
| <i>produto</i>                                               | <i>quantidade</i> |
| <b>Machados grande e médio, unidade</b>                      | <b>6.000</b>      |
| <b>Machados pequenos, unidade</b>                            | <b>3.000</b>      |
| <b>Enxó (pequenos), unidade</b>                              | <b>1.000</b>      |
| <b>Caixas com diversas contas</b>                            | <b>15</b>         |
| <b>Caixas com diversos: tesouras, berimbaus de boca etc.</b> | <b>6</b>          |
| <b>Facas diversas, unidade</b>                               | <b>4.400</b>      |
| <b>Fita de todos os cores por el (0.69 m.)</b>               | <b>3.000</b>      |
| <b>Espelhos diversos, unidade</b>                            | <b>5.500</b>      |
| <b>Ferro, Quintais</b>                                       | <b>30</b>         |

<sup>33</sup> HULSMAN, L. Swaerooch: o comércio holandês com índios no Amapá (1600-1615) **Revista Estudos Amazônicos** vol. VI, nº 1, Belém, 2011: 178-202.

Uma outra fonte é o orçamento para a conquista do Pará de Jacob van der Queere que incluiu um inventário das mercadorias para pagar os índios.<sup>34</sup>

Os Países Baixos exportaram então quantidades enormes de ferramentas para as sociedades indígenas no delta do rio Amazonas no período de 1600-1630. O Fortuin estava na terceira viagem em 1616 e carregava 650 machados e 900 quilos de machados e facões. Pensando em estimativas, por exemplo, dez navios holandeses por ano no período de 1615-1625 daria 65.000 machados e 90.000 quilos de machados e facões. Assim, o comércio com índios criou na Holanda um mercado especializado de produtos de exportação como machados, enxós, ferros de cassava e contas de vidro. O assortmento destes produtos era importante porque os clientes indígenas podiam recusar as mercadorias como passou com os dois barris do Fortuin. O impacto deste fluxo nas sociedades indígenas ainda é pouco conhecido. A pesquisa arqueológica de Meggers documenta que a cultura material indígena (Mazagão) desapareceu por volta de 1630 na área do rio Anuerapucu, perto de onde mais no sul estavam as plantações ao redor de Tauregue e onde viviam os aliados índios Wackehans e Tockeans. Nos sítios pesquisados encontravam-se contas de vidro, que servem até hoje como provas cabais das trocas destes índios com os europeus, além da integração dos manufaturados europeus na cultura das sociedades indígenas que viviam à época no delta do rio Amazonas.<sup>35</sup>

#### **4. Tabaco Amazonense**

A oferta dos manufaturados europeus criou uma cooperação com indígenas que resultou numa produção de tabaco, entre outros produtos. Este último parágrafo será dedicada à uma comparação dos dados disponíveis sobre a produção do tabaco na época de 1600-1630 por ingleses, irlandeses e holandeses e a produção posterior sobre o governo colonial de Portugal.

##### ***Período 1600-1630***

Os dados sobre o comércio de tabaco amazonense são esparsos devido ao caráter ilegítimo do comércio neste período. Os arquivos notariais de Amsterdã documentam várias operações comerciais envolvendo tabaco do rio Amazonas no período de 1625-1626 quando a produção provavelmente chegou ao seu nível máximo. Tratam-se de quantias de 3.000 até 8.000 libras com valores de 4.500 florins até mais de 16.000 florins, valores consideráveis na época onde a equipagem de um navio de 100 toneladas para uma viagem de 6 meses ao rio Amazonas

---

<sup>34</sup> HULSMAN 2009: 335.

<sup>35</sup> MEGGERS 1957: 44-102, 556-579, 596-597.

custava entre 5.000 e 7.000 florins. Todas estas referencias no arquivo de Amsterdã se tratam de compras na Zelândia por mercadores de Amsterdã.<sup>36</sup>

No final do primeiro parágrafo notou-se que a quantia de 800.000 libras de tabaco exportada por ano em 1629 provavelmente estava inflado. Se for avaliada a produção anual de tabaco por colono em 1.000 libras, a produção total seria, em 1623, para uma população de no máximo de 400 feitores, avaliada em 400.000 libras. Pode-se aumentar esta quantia por trabalho feito por índios, mas tem-se que lembrar que teve outras plantações como algodão e urucu.<sup>37</sup> Pode ser que a produção de tabaco amazonense tenha chegado a 400.000 libras, mas um total de 100.000 até 200.000 libras anual parece ser mais realista para o período de 1615-1625. Compara-se a produção de tabaco do Orinoco e Trinidad que Lorimer estimava em 200.000 libras anualmente no início do século XVII.<sup>38</sup>

### ***Período 1630-1640***

Felizmente existem algumas outras informações sobre produção de tabaco no período de 1630-1640. Vários dos feitores que foram aprisionados pelos portugueses foram forçados de continuar o trabalho deles no serviço do governo colonial de Maranhão. Os relatos de Gedion Morris que foi preso em Tauregue em 1629 já foram citados. Morris estimou a produção anual do Estado do Maranhão em 200.000 libras de tabaco, numa carta escrita em 1637 para a Câmara da WIC na Zelândia logo depois de sua volta para os Países-Baixos. Vale-se notar que este tabaco era produzido por índios que trabalhavam para portugueses, como em Cametá onde 15 portugueses e 1.000 índios produziam 2.000 rolos anualmente, pois, o tabaco de Cametá era considerado o melhor do Brasil.<sup>39</sup>

Jacob van der Queere estimava a produção em 1638 em 100.000 libras de tabaco. Numa outra memória escrita em 1640 por Morris junto com Maxwell, que também tinha sido preso em Maranhão, estimava-se a produção em 5.000 rolos de tabaco de 2 arrobas o rolo.<sup>40</sup>

---

<sup>36</sup> HULSMAN 2009: 130.

<sup>37</sup> Provavelmente desenvolveu-se também um comércio regional como na costa da Guiana onde índios serviam como intermediadores para as sociedades no interior, mas o volume devia ter sido pequeno.

<sup>38</sup> LORIMER 1989: 136-137. Lorimer estimou que em 1611 a importação inglesa de tabaco era de 100.000 libras, tendo apenas 6.000 libras vindo da Espanha.

<sup>39</sup> HYGINO 1895: 248; 240-245: Provindo da Ilha de Maranhão, Caeté, Belém, Cametá (2000 rolos), Corpany (1000 rolos). A população portuguesa no Estado de Maranhão em 1635 limitou-se a 1000-1500 pessoas. Umhas centenas de portugueses com cem feitores aprisionados controlavam a produção de tabaco por milhares de índios.

<sup>40</sup> Ibidem: 259.

A década 1630-1640 mudou o mercado do tabaco pela entrada de novos produtores vindos de Barbados e principalmente Virgínia. A tabela das importações de tabaco em Londres no período de 1628-1639 mostra os volumes em libras.<sup>41</sup>

| importação de tabaco em Londres, valor em libras |          |                                        |           |         |
|--------------------------------------------------|----------|----------------------------------------|-----------|---------|
|                                                  | Barbados | St Kitts (São Cristóvão) <sup>42</sup> | Virgínia  | Espanha |
| 1628                                             | 100.000  |                                        | -         | -       |
| 1637                                             | 124.395  | 263.599                                | 1.067.262 | 60.597  |
| 1638                                             | 204.956  | 470.732                                | 2.361.999 | 79.912  |
| 1639                                             | 208.100  | 107.312                                | 1.091.773 | 111.268 |
| Fonte: BECKLES 1998: 153                         |          |                                        |           |         |

### ***Período 1650-1700***

Estas quantidades podem ser comparadas com os dados colecionados por Rafael Chambouleyron sobre a produção de tabaco no Maranhão na segunda metade do século XVII. ‘A exportação no final do século quase tinha parada, em 1701 só 20 rolos de qualidade inferior chegaram na Alfândega do Tabaco na Lisboa. “Nos anos antecedentes mais algum vinha, mas nunca foi de maneira que passasse de 150 até 200 rolos da forma referida. Dados para os anos anteriores indicam que, entre 1678 e 1680, chegaram entre 60 a 70 rolos anuais ao reino”.<sup>43</sup>

Estes dados indicam um colapso da produção de tabaco no Estado do Maranhão. O mesmo autor comenta: “Os fragmentos de que dispomos indicam que é possível que tenha havido um considerável declínio da produção e exportação de tabaco. De fato, em 1652 há duas referências ao envio de rolos de tabaco ao reino, a referência as 1124 arrobas é que elas

<sup>41</sup> BECKLES, Hilary. Plantation, Production and White ‘Proto-Slavery, in Lorimer, Joyce ed. **Settlement Patterns in Early Modern Colonization, 16th-18th Centuries**, Aldershot (GB), 1998: 153.

<sup>42</sup> Nota-se que a importação do Barbados (fundado em 1627) e St. Kitts (São Cristóvão, que servia também como entreposto para a produção das Guianas) em 1628 somava 100.000 libras.

<sup>43</sup> CHAMBOULEYRON, Rafael. **Povoamento, Ocupação e Agricultura na Amazônia Colonial (1640-1706)**, Belém: Ed. Açai/Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA)/Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010: 149-150. N.B. “É preciso contudo esclarecer que esses números se dão numa conjuntura específica que é a criação do chamado *estanco dos quatro gêneros*. Tanto é que os rolos eram isentos de toda taxa, uma vez que eram enviados à custa da Fazenda real. Esse estanco foi um monopólio estabelecido pela Coroa em meados da década de 1670 sobre o aço, facas, ferro e avelórios.”

provinham de Cametá onde se recolheu *muita quantidade de tabaco em rolo*. Ao que tudo indica, não só Cametá parece ter iniciado um declínio de derrocada econômica e populacional, como referido no capítulo anterior, mas a produção de tabaco parece ter rareado à medida que corria a segunda metade do século XVII”.<sup>44</sup>

O autor comenta que o declínio da produção de tabaco no Maranhão parece acontecer independente dos desenvolvimentos maiores no mercado onde a entrada das ilhas Caribenhas e Virginia como exportadores de tabaco no período 1630-1640 causou um colapso dos preços.<sup>45</sup> Mesmo assim é notável que não só caiu a quantidade, mas também a qualidade.

### **5. conclusão: uma economia indígena-europeu emergente?**

Este artigo tentou mostrar as iniciativas holandesas para estabelecer relações comerciais com os índios no delta do rio Amazonas no período de 1600-1630. Os dados sobre o cultivo e a exportação de tabaco serviam para uma exploração provisória da participação indígena na economia no Norte do Brasil no século XVII. A escassez dos dados e o foco limitado do estudo não permitem tirar conclusões definitivas, mas indicam que a produção de tabaco nas feitorias e plantações na banda ocidental do delta do rio Amazonas no período de 1615-1625 era considerável. Estas plantações amazônicas podem ser vistas como uma economia emergente baseada na agricultura indígena, parecida com a economia que desenvolveu-se no delta do Orinoco no período de 1595-1615.

As sociedades indígenas no delta amazônico atuaram como agentes independentes do que causou a destruição destas sociedades pelo governo do Maranhão. O cultivo posterior do tabaco no Estado do Maranhão era feito por índios e originou-se na economia anteriormente criada por europeus e índios.<sup>46</sup> O cultivo de tabaco no delta amazônico no período 1600-1650 era então uma agricultura indígena que cresceu pela demanda européia até 1630 e diminuiu depois de 1650.

As sociedades no delta amazônico desenvolveram relações de trocas complexas com os holandeses e outros europeus. Portanto o cultivo de tabaco, algodão e urucu por índios no delta amazônico criou uma rede onde mercadores holandeses armavam navios e fundavam feitorias com motivos comerciais. O papel ativo das sociedades indígenas nesta rede de trocas sugere que o conceito de economia de escambo merece mais estudo quando se observa o

<sup>44</sup> CHAMBOULEYRON 2010: 150/151.

<sup>45</sup> CHAMBOULEYRON 2010: 146-147. Os moradores do Maranhão reclamavam várias vezes contra o comércio de tabaco de São Cristovão (St Kitts).

<sup>46</sup> A exportação de tabaco da Ilha do Maranhão originou com feitores franceses no início do século XVII.

contexto em foco. O fluxo dos manufaturados europeus como documentado por fontes holandesas pode contribuir para novas reflexões acerca da região.